

Design, racismo e representatividade negra em jornais e revistas: um exercício da sintaxe visual sob a óptica do design

Design, racism and black representation in newspapers and magazines: the panorama before and after Floyd and João Alberto Freitas

PEREIRA MOURA, João Vitor; discente em Design; FAU/USP

joaoovitor.pmoura@usp.br

FUDABA CURCIO, Gustavo Orlando; Dr. em Design; FAU/USP

gustavo.curcio@gmail.com

Este Artigo apresenta dados sobre a representatividade negra presente em capas e primeiras páginas dos principais jornais e revistas impressos do Brasil. Tendo como marco temporal os assassinatos de George Floyd e João Alberto Freitas, foram levantados dados relacionados à representatividade negra nas seguintes categorias: (1) quantidade de capas de jornais em que há representatividade negra entre os meses de fevereiro e dezembro de 2019 (aproximadamente um ano anterior a morte de George Floyd); (2) quantidade de capas de jornais representativas entre 25 de abril e 25 de junho de 2020 (um mês anterior e um mês posterior ao assassinato de Floyd); e (3) quantidade de capas de revistas representativas dois meses anteriores e dois meses posteriores à morte de Floyd. Ademais, ratifica-se ainda sobre as principais dificuldades vivenciadas durante o levantamento de dados, bem como possíveis questionamentos pertinentes à representatividade negra no cenário da mídia impressa brasileira.

Palavras-chave: Representatividade negra; Design editorial; Racismo.

This article presents data on black representation present on the covers and front pages of the main printed newspapers and magazines in Brazil. Taking the murders of George Floyd and João Alberto Freitas as a time frame, data related to black representation were collected in the following categories: (1) number of newspaper covers in which there is black representation between February and December 2019 (approximately one year before George Floyd's death); (2) number of representative newspaper covers between April 25 and June 25, 2020 (one month before and one month after Floyd's murder); and (3) number of representative magazine covers two months before and two months after Floyd's death. Furthermore, the main difficulties experienced during the data collection are also confirmed, as well as possible questions regarding black representation in the Brazilian print media scenario.

Keywords: Black representation; Editorial design; Racism.

1 Introdução

Sob a ótica do Design editorial, este estudo analisa a representatividade¹ negra presente em revistas e jornais veiculados no mercado editorial brasileiro em dois anos (2019 e 2020). Para tanto, foram analisadas capas de revistas e primeiras páginas de jornais, a fim de se obter dados quantitativos que elucidem a representatividade da população negra² no meio editorial. O recorte temporal da pesquisa leva em consideração o caso de George Floyd, homem negro americano brutalmente assassinado por policiais brancos na cidade de Minneapolis, Estados Unidos, após a acusação de passar uma nota falsa.

A partir desse marco – ocorrido em 25 de maio de 2020 –, tomou-se o ano de 2019 (um ano anterior) como ponto de partida para a análise dos jornais e revistas e o ano de 2021, mais precisamente, 20 de novembro, dia da consciência negra - um ano após a morte João Alberto Freitas, homem negro assassinado por seguranças brancos do hipermercado Carrefour – como ponto de finalização do recorte temporal. Além disso, o estudo também identifica possíveis discrepâncias na forma como a mídia brasileira se empenha na veiculação de notícias pertinentes às pessoas negras em oposição às brancas.

2 A pesquisa

A análise inicia a partir de 14 de fevereiro de 2019, quando Pedro Henrique Gonzaga, jovem negro de 19 anos, foi estrangulado até a morte por um guarda do hipermercado Extra, no estado do Rio de Janeiro. O caso de Gonzaga é uma peça-chave para o início da pesquisa não apenas por ter ocorrido cerca de um ano antes da morte de George Floyd e João Alberto Freitas, mas também por sua semelhança com os casos em questão: assim como Floyd, Gonzaga, imobilizado, foi morto por asfixia; assim como Freitas, Gonzaga foi assassinado por seguranças de um mercado.

Os fatos supracitados são de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois, a partir destes – e de outros pertinentes –, objetiva-se analisar: (1) A quantidade de capas de revistas e primeiras páginas de jornais impressos em que foram constatados elementos gráfico-editoriais (textos, manchetes, fotografias, etc.) relacionados à negritude e às questões raciais, independentemente de tratarem sobre casos de racismo ou não; (2) o modo como casos de racismo e intolerância racial, ao serem repercutidos na imprensa brasileira, influenciaram/contribuíram para a representatividade (possivelmente oportunista) de negros em capas de revistas – para tanto, será analisado o recorte temporal entre o período que determinada notícia foi veiculada nos jornais até a publicação das capas de revista; (3) o quadro comparativo entre o engajamento da mídia brasileira ao noticiarem casos de racismo nacionais e internacionais e casos de violência entre pessoas brancas e negras; e (4) o caráter hierárquico das imagens e textos representativos para a população negra, qualificando-os, sob

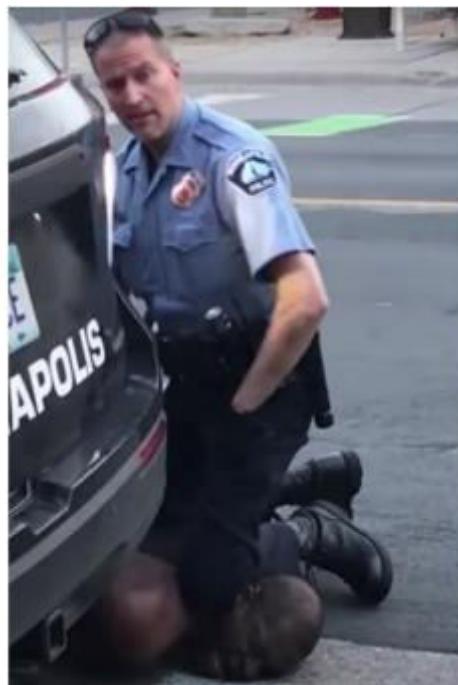
¹ Segundo o dicionário Michaelis, representatividade - ou aquilo que é representativo - é definida por: (1) Que representa ou serve para representar; (2) Que envolve e tem relação com representação; (3) Diz-se de organismo (sindicato, associação etc.) com direito reconhecido de representar um grupo, uma comunidade etc.; (4) Diz-se de sistema político em que a soberania é exercida por delegados do povo, que este elege diretamente e que o representam. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/representativo/>

² A População negra brasileira (56,2%), segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2019), é composta por 46,8% de pessoas autodeclaradas pardas e 9,4% de autodeclarados pretos. Disponível em:

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-obrasil/populacao/18319-cor-ou-raca/>

a óptica da sintaxe visual, do design editorial e composição de imagem, de acordo com suas proporções, enquadramentos e aspectos cromáticos.

Figura 1: assassinato de George Floyd.



Fonte: <https://www.poder360.com.br/internacional/autopsia-independente-indica-que-george-floyd-morreu-por-asfixia/>

3 Espaço amostral e procedimentos

Durante o andamento da pesquisa, foram analisadas as primeiras páginas dos jornais e revistas impressos de maior circulação no mercado editorial brasileiro. Para tanto, a escolha dos títulos – não limitando-se a isso – foi determinada a partir da tiragem média mensal de cada exemplar (jornais) e nas vendas médias por edição (revistas), optando-se pelos impressos que, de acordo com os dados disponibilizados pelos próprios veículos, obtiveram as maiores vendas no mercado nacional. Além disso, ainda que o espaço amostral privilegie a região sudeste – sendo esta a região que apresenta a maior densidade demográfica do país e os maiores índices de venda de jornais impressos –, houve a preocupação de escolher noticiosos de grande circulação que atuem em outras regiões, como por exemplo os jornais Zero Hora (RS), O Povo (CE), A Tarde (BA) e O Liberal (PA). Ressalta-se ainda que, por questão de exequibilidade, optou-se por veículos que disponibilizam publicamente seu acervo e que, para veículos que não apresentam dados sobre tiragem média, mas, ainda assim, o pesquisador e/ou orientador têm acesso a no mínimo 80% do material de análise (capas e primeiras páginas) estes poderão fazer parte do espaço amostral do estudo. As tabelas 1 e 2, a seguir, apresentam os veículos de informação selecionados para o espaço amostral, bem como suas respectivas informações:

Tabela 1 – Jornais que fazem parte do espaço amostral da pesquisa.

Jornais impressos	Periodicidade	Unidade federativa	Circulação média	Acervo
Super Notícia	Diário	Minas Gerais (MG)	99535 (2020)	Disponível
Estado de S. Paulo	Diário	São Paulo (SP)	80382 (2020)	Disponível

O Globo	Diário	Rio de Janeiro (RJ)	78167 (2020)	Disponível
Folha de S. Paulo	Diário	São Paulo (SP)	65385 (2020)	Disponível
Zero Hora	Diário	Rio Grande do Sul (RS)	55521 (2020)	Disponível
O Povo	Diário	Ceará (CE)	6492 (2020)	Incompleto
Correio Braziliense	Diário	Distrito Federal (DF)	14451 (2020)	Disponível
Estado de Minas	Diário	Minas Gerais (MG)	10148 (2020)	Disponível
A Tarde	Diário	Bahia (BA)	8862 (2020)	Disponível
O Liberal	Diário	Pará (PA)	Não disponível	Incompleto
Extra	Diário	Rio de Janeiro (RJ)	Não disponível	Disponível
Valor Econômico	Diário	São Paulo (SP)	19022 (2020)	incompleto
O Dia	Diário	Rio de Janeiro (RJ)	Não disponível	Disponível

Fonte: compilação do autor.

Tabela 2: Revistas que fazem parte do espaço amostral da pesquisa.

Revistas	Nicho	Periodicidade	Vendas medias por edição	Acervo
Veja	Atualidades	Semanal	217.083 (2019)	Disponível
Época	Atualidades	Semanal	82.164 (2019)	Disponível
IstoÉ	Atualidades	Semanal	Não disponível	Disponível
Carta Capital	Atualidades	Semanal	15.196 (2019)	Instagram
Exame	Negócios	Quinzenal	41.556 (2019)	Disponível
Caras	Celebridades	Semanal	Não disponível	Disponível
Claudia	Comportamento	Mensal	Não disponível	Disponível
Ana Maria	Comportamento	Semanal	48.000 (2017)	Disponível
Tititi	Novelas	Semanal	Não disponível	Disponível
Minha novela	Novelas	Semanal	Não disponível	Disponível
Vogue	Moda	Semanal	53.915 (2019)	Disponível
Glamour	Moda	Mensal	50.500 (impr. + digital, 2019)	Instagram
Marie Claire	Moda	Mensal	75.000 (impr. + digital, 2019)	Instagram
J.P.	Comportamento	Mensal	30.000 (ano não informado)	Instagram
Veja São Paulo	Atualidades	Semanal	Não disponível	Disponível

Fonte: compilação do autor.

Após a obtenção do material de apoio, para a coleta de dados pertinentes à população negra, foi levado em consideração tanto a apresentação de imagens, quanto a veiculação de notícias-texto, chamadas, manchetes e artigos de opinião. Para serem consideradas representativas, as imagens (fotos, desenhos, tirinhas...) devem apresentar pessoas pretas ou pardas - independentemente da forma e da hierarquia - bem como símbolos caros à cultura e ao

movimento negro (cartazes, símbolos religiosos e obras de arte, por exemplo). Já no que tange às chamas, notícias-texto e aos artigos publicados nos jornais, foram considerados não somente aqueles que relatam casos de racismo ou intolerância racial, mas quaisquer textos que tenham como foco assuntos pertinentes à população negra. Além disso, ressalta-se que a coleta de dados quantitativos seguiu os conceitos abordados nos livros Pesquisa de Marketing (2011) de Naresh Malhotra e Pesquisa Visual (2013) de Ian Noble e Russel Bestley e que, para a análise do material coletado e dos dados obtidos, realizou-se as seguintes etapas: (1) busca de capas e primeiras páginas, seguindo a periodicidade dos veículos de comunicação; (2) download ou captura de tela; (3) armazenamento da imagem; (4) Verificação de imagens e textos que se caracterizam como representativos da população negra (5) análise de dados quantitativos e; (6) organização das imagens e textos de acordo com sua hierarquia e valor representativo.

4 COLETA DE MATERIAL

Seguindo o espaço amostral delimitado pelo projeto de pesquisa, a coleta de material para a análise foi feita, sobretudo, por meio do site “<https://www.vercapas.com.br>”. Para tanto, todas as capas dos veículos analisados foram retidas do site supracitado, sendo estas diretamente baixadas para o computador pessoal do pesquisador – conforme Figura 2.

Para que não haja duplicidade, todas as capas baixadas são verificadas a partir de suas datas. Após a verificação, o material coletado é transferido para pastas específicas e nomeadas seguindo a nomenclatura do veículo de imprensa (jornal ou revista), bem como sua datação. Ademais, para que as capas sejam analisadas tanto quantitativa, quanto qualitativamente, os veículos devem disponibilizar no mínimo 80% de seus acervos. Sendo assim, ressalta-se que, pelo não cumprimento do devido critério, os jornais “O Liberal (PA)”, “O Povo (CE)” e “Valor Econômico (SP)” encontram-se inapropriados para a análise. Já para coleta de capas de revistas, nos casos em que não houve a disponibilidade de material no site “<https://www.vercapas.com.br>”, foram utilizados outros endereços eletrônicos como sites de buscas e redes sociais dos veículos, como Instagram e Facebook, por exemplo.

Figura 2: Captura de tela – coleta de material para análise.



Fonte: compilação do autor.

5 Análise do material coletado

Após coletado todo o material de análise, as primeiras páginas de jornais e capas de revistas são verificadas individualmente seguindo a ordem cronológica do espaço amostral. Além disso, ressalta-se que, para a computação de dados -, foram buscadas não apenas imagens caras à população negra, mas também notícias-texto, manchetes e artigos de opinião que, de alguma forma, seja representativa para com os negros. Dito isto, ratifica-se aqui a necessidade não somente de atenção - pois, para que os dados sejam os mais fiéis possíveis, faz-se necessário verificar todos os textos e imagens presentes nas capas -, como também de cautela – uma vez que, em casos específicos, a representatividade negra é posta de forma implícita ou deveras subjetiva.

5.1 Casos específicos: imagens e textos desconsiderados

A seguir serão apresentados alguns casos específicos de primeiras páginas de jornais que, apesar de apresentarem – de forma indireta e/ou subentendida – a representatividade negra, foram desconsiderados para a computação de dados e para uma possível análise sintática-visual. Todos os casos foram analisados individualmente e debatidos entre o pesquisador e o orientador.

5.1.1 *Notícia-texto (sem imagens) sobre pessoas negras*

Durante o decorrer da análise das capas, sobretudo de jornais impressos, foram constatados diversos casos de notícias que, ainda que em sua composição fossem abordados temas sobre pessoas negras – sejam elas pessoas públicas ou anônimos -, devido a não publicação de imagens ou evidências que identifiquem a negritude de tais indivíduos, estas notícias foram, em suma, desconsideradas como representativas.

Na Figura 3, a seguir, podem ser observadas duas notícias de jornais distintos – a primeira publicada pelo jornal *O Globo* e a segunda, pelo jornal *Folha de São Paulo* – nas quais, em ambas, é citado o deputado negro Douglas Garcia. Apesar disso, ainda que o deputado seja apresentado na capa dos respectivos jornais, somente a primeira, do noticioso *“O Globo”*, foi considerada representativa, pois, além da manchete, há também a adição de uma foto do deputado – o que evidencia a sua negritude. A segunda capa, no entanto, ainda que se refira ao deputado – inclusive, citando o nome da deputada (também negra) Erika Malunguinho –, foi considerada desprovida de representatividade negra pois, além de não apresentar elementos que elucidem a negritude dos envolvidos, tanto Garcia, quanto Malunguinho são (de certa forma) pessoas pouco conhecidas pelo grande público - fato este que faria as características étnico-raciais de ambos passarem despercebidas para a maioria dos leitores do jornal em questão.

Figura 3: capas dos jornais “*O Globo*” e “*Folha SP*” e respectivas manchetes sobre o deputado Garcia.



Fonte: compilação do autor.

Apesar disso, é importante ressaltar que a adição de imagens e fotografias não é o único requisito para que um texto seja considerado representativo. Em casos, por exemplo, de jornais que apresentem – ainda que de forma superficial – manchetes sobre personalidades negras de grande influência e/ou reconhecidas pelo público em geral, como artistas e celebridades, a escolha dos editores de não adicionar quaisquer tipos de imagens, em tais casos, o texto não será enquadrado como carente de representatividade. Como exemplo disso, pode ser observada a capa do jornal Folha de São Paulo, publicada em 4 de junho de 2019, a qual apresenta uma notícia-texto sobre o jogador (negro) de futebol Neymar.

Figura 4: capa do jornal “Folha de São Paulo” e manchete sobre o jogador Neymar.



Fonte: compilação do autor.

Num primeiro momento, ao analisar a capa de uma maneira superficial, a não constatação de imagens pertinentes à população afro pode caracterizá-la como não representativa. No entanto, com uma análise mais precisa e com a verificação de uma notícia-texto em que o cerne de sua temática se concentra na apresentação de uma pessoa negra reconhecida em diversos âmbitos, tal capa passa ser considerada como representativa na computação dos dados quantitativos.

5.1.2 *Imagens superficiais e inqualificáveis*

Em diversas capas e primeiras páginas foram constatadas imagens de grandes multidões e filas com inúmeras pessoas. Indubitavelmente, na grande maioria das imagens em questão, foram localizadas pessoas pretas ou pardas. Contudo, após muito discutir-se sobre a validade destas imagens, foi acordado que, para que representação gráfica em que há um elevado número de indivíduos – inclusive, indivíduos negros – seja considerada efetivamente representativa, esta deve não apenas ocupar um lugar de destaque na capa em que foi alocada, como também apresentar os indivíduos negros de maneira que seja facilitada a observação de seus caracteres fenotípicos, como tonalidade da pele, textura do cabelo e traços faciais.

Figura 5: capa do jornal “Extra”, publicada em 24 de abril de 2019 e imagem ampliada de multidão.



Fonte: compilação do autor.

Além disso, tendo em vista que para considerar uma imagem representativa, faz-se necessária a observação das características físicas dos indivíduos, em casos cujas imagens encontram-se com baixa qualidade (borradas, embaçadas, escuras, pixelizadas, etc.), dificultando, dessa forma, a análise visual, tais imagens – bem como suas respectivas capas – também serão desconsideradas.

5.1.3 Autodeclaração racial

No Brasil, como bem se sabe, os dados estatísticos sobre o perfil racial da população brasileira são obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) por meio da autodeclaração, ou seja, como estes se identificam. Apesar disso, tendo em vista que o racismo é uma manifestação “normal” e estrutural da sociedade, sendo este um elemento integrante não apenas da organização econômica, mas também política (Almeida, 2018), faz-se mister a observação que o entendimento do indivíduo como ser-negro, mais que relacionado às suas características fenotípicas, deriva-se também das estruturas de poder a qual este está inserido. Sendo assim, ratifica-se que a análise fenotípica dos indivíduos como ferramenta de identificação racial – ainda que seja a única – pode acarretar em pequenos equívocos na computação de dados relacionados à representatividade negra.

Apesar disso, pensando na possibilidade de atenuar tais falhas, em casos envolvendo personalidades e pessoas públicas que, ao surgirem dúvidas sobre sua identidade racial, foram realizadas pesquisas sobre como tal pessoa se identifica, sua origem e possíveis posicionamentos (entrevistas, depoimentos, etc.) que elucidem seu caráter étnico-racial. Como exemplo disso, pode ser citada a capa do jornal O Globo, publicada em 26 de março de 2019, e que, apesar de ter uma fotografia da atriz Regina Casé – que tem uma tonalidade de

pele que, em outros casos, poderia ser considerada como negra -, foi classificada como não representativa. Tal conclusão deu-se após fazer uma pesquisa pessoal sobre atriz onde foi verificada não apenas sua origem, como também um depoimento dado pela atriz para o programa “conversa com Bial” que, após ser indagada sobre uma situação de racismo vivida por Casé e seu marido (negro) nos Estados Unidos, a atriz afirmou:

"Acho que pra (sic) milhares de pessoas, principalmente pessoas que tão (sic) acostumadas [com situações de racismo], mesmo sendo da minha cor, a acreditarem que são brancas, [porque] no Brasil são brancas, a pessoa tá (sic) ali, ouve aquilo e fala: 'Isso não é comigo'. Eu tenho grana, e no Brasil, mesmo com essa cor, eu sou branca" (informação verbal)³.

Figura 6: capa do jornal O Globo, 26 de março de 2019.



Fonte: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/o-globo/2019-03-26/>.

Dante da capa do jornal O Globo, o depoimento de Regina Casé foi de suma importância para que o documento em questão não fosse considerado representativo. No entanto, é entendido que em determinados casos – sobretudo envolvendo pessoas anônimas – não foi possível identificar com precisão a qual grupo racial o sujeito pertence, ficando tal classificação a critério dos pesquisadores.

5.1.4 Contraposição entre imagens representativas e notícias não representativas

Na maioria das vezes, em primeiras páginas de jornais onde há a presença de imagens representativas, tais imagens, possivelmente, vêm acompanhadas de manchetes cuja temática principal pouco tem relação com a representatividade negra. Em suma, ainda que exista tal incongruência, em grande parte dos casos – como exemplo, manchetes sobre um time futebol

³ Depoimento dado pela atriz e apresentadora Regina Casé para o programa “Conversa com Bial”, Rede Globo, 25 de Abril. 2019.

e fotografia com a presença de jogadores negros -, tais imagens/capas, ainda assim, foram consideradas representativas.

Figura 7: jornal O Estado de São Paulo, 23 de março de 2019 e fotografia ampliada.



Fonte: compilação do autor.

Apesar disso, foram observadas algumas exceções em que, mais que a dubiedade entre o tema da notícia e a representatividade negra presente numa imagem, houve também um certo grau de subjetividade na representação gráfica que, por sua vez, acarretaria num possível desentendimento perante a representação afro ali presente.

Como exemplo notável disso, tem-se a capa do noticioso “O Estado de São Paulo”, publicada em 23 de março de 2019, a qual apresenta uma manchete sobre a reabertura da “Casa do parque” acompanhada de uma fotografia em que aparecem retratos históricos de pessoas de diferentes etnias. Contudo, ainda que tal composição sejam apresentadas faces de pessoas negras, a impertinência da manchete com a representatividade afro, bem como a forma que a imagem foi apresentada (com imagens secundárias e em escala de cinza), tornou inapropriada a consideração da capa como representativa.

5.1.5 Discrepância de engajamento

Pertinente ao engajamento racial – com ênfase na verificação de possíveis discrepâncias na veiculação de notícias relacionadas às pessoas brancas em oposição às negras –, foram identificadas manchetes que, mesmo relacionadas a indivíduos negros, não foram consideradas representativas. É um exemplo disto o caso da menina negra Ágatha Felix, assassinada por um policial em setembro de 2019.

Diante do fato ocorrido, foi observado que muitos jornais, ao veicularam a notícia em suas capas, apresentaram-na de forma superficial, sem a colocação de imagens ou composições visuais e havendo, inclusive, manchetes que nem o nome de Ágatha Felix fora citado - como na capa do Jornal Zero Hora, publicado no dia 23 de setembro de 2019 (Figura 8, abaixo) – não caracterizada como representativa.

Figura 8: Jornal Zero Hora, 23 de setembro de 2019 e manchete do caso Ágatha.



Fonte: compilação do autor.

Neste caso específico, a capa do jornal Zero Hora somente foi considerada representativa, pois, em sua composição, há a presença de uma fotografia onde são retratados alguns esportistas negros. Em casos de manchetes que, pelo contexto e conhecimento dos pesquisadores, são relacionadas a um indivíduo negro, porém, sem apresentar nome ou quaisquer evidências que comprovem a negritude do mesmo, estas foram desconsideradas como representativas. Por fim, faz-se importante dizer que, mesmo Ágatha sendo uma pessoa anônima - não sendo reconhecida pelo grande público - pela repercussão do caso, capas que apresentaram – com ou sem imagens - manchetes especificando o nome da vítima foram consideradas representativas.

5.2 Casos específicos: intertextualidade

Como dito anteriormente, capas em que são apresentadas manchetes e reproduções gráficas (possivelmente) representativas, porém, muito subjetivas e/ou superficiais foram desconsideradas. No entanto, durante a análise, foram observados casos que, apesar da subjetividade, o cerne de suas temáticas intertextualizavam – de forma histórica ou cultural - com elementos afro. Na capa do jornal O Globo, por exemplo, publicada em 20 de setembro de 2019, há a introdução de uma notícia sobre o “Blackface”. Nesta, além da manchete, há uma fotografia de três pessoas brancas, estando a do meio (Justin Trudeau, primeiro-ministro do Canadá) pintada de preto – ato conhecido como “Blackface”.

Originalmente, o “Blackface” era uma técnica utilizada no século XIX, nos Estados Unidos, que consistia na caracterização de atores brancos - pintando seus rostos de preto e seus lábios de vermelho – para que estes pudessem interpretar (pejorativamente) pessoas negras em shows de “humor”. Segundo Martha Abreu (2019), professora de História da Universidade Federal Fluminense, a representação do negro por meio do “Blackface” com danças, esquetes e outros atos, era propositalmente grotesca, ridícula e inferiorizante, tendo como objetivo não apenas aviltar o indivíduo negro, mas também o mostrar como um ser perigoso e não confiável. Em suma, o “Blackface” é um ato inquestionavelmente racista para os negros, mas que somente

na década de 1960, no auge do movimento por direitos civis, passou a ser considerado como tal também pelos brancos.

Figura 9: capa do jornal “O Globo”, 20 de setembro de 2019, e destaque de manchete.



Fonte: compilação do autor.

Tecnicamente, a capa em questão não apresenta imagens representativas para a comunidade negra. Contudo, ao modo que o assunto principal de uma manchete concerne na discussão sobre o racismo e na própria história da identidade negra, tal capa passa a ser, dessa forma, considerada representativa. Por fim, ratifica-se que casos de notícias que dialogam – direta ou indiretamente – com aspectos da cultura ou da historiografia afro, seguiram o mesmo critério utilizado na manchete do jornal em questão, podendo estas serem ou não consideradas representativas.

6 Representatividade negra em Jornais Impressos (2019)

Para quantificação de dados pertinentes à representatividade negra em jornais impressos, foram analisadas 3104 capas, todas publicadas no ano de 2019. Seguindo o espaço amostral da pesquisa, convencionou-se que o período de publicação das capas seria subdividido em dois grupos distintos: 1º período, iniciado a partir do dia 14 de fevereiro (data do assassinato de Pedro Gonzaga) e finalizado no dia 30 de junho e; 2º período, que vai do dia 1º de julho à 31 de dezembro. No 1º período, conforme observado na tabela 3, abaixo, de um total de 1342 capas analisadas, 865 apresentaram algum elemento editorial/gráfico – seja ele manchete, ilustração, fotografia, etc. – representativo. Já no 2º período (tabela 4), das 1762 capas verificadas, 1145 foram consideradas representativas.

Tabela 3: representatividade negra em jornais impressos - 1º Período de 2019 (fev. – jun.).

Jornais	Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho		2019 (1º Período)	
	Repr. negra	total	Repr. negra	total								
A tarde	13	15	24	29	25	29	27	31	26	29	115	133
Correio Braziliense	12	15	20	31	20	30	23	31	29	30	104	137
Estado SP	5	15	16	31	11	30	15	31	19	30	66	137
Estado Mg	7	15	15	31	17	30	18	31	20	29	77	136
Extra	13	15	25	31	25	30	19	31	26	30	108	137

Folha SP	7	15	15	31	11	30	15	31	15	30	63	137
O Dia	14	15	27	31	28	30	22	31	26	30	117	137
O Globo	7	15	18	31	19	30	15	31	21	30	80	137
Super Notícia	9	15	19	31	17	29	20	31	22	30	87	136
Zero Hora	3	14	10	25	14	26	11	26	10	24	48	115
Total	90	149	189	302	187	294	185	305	214	292	865	1342

Fonte: compilação do autor.

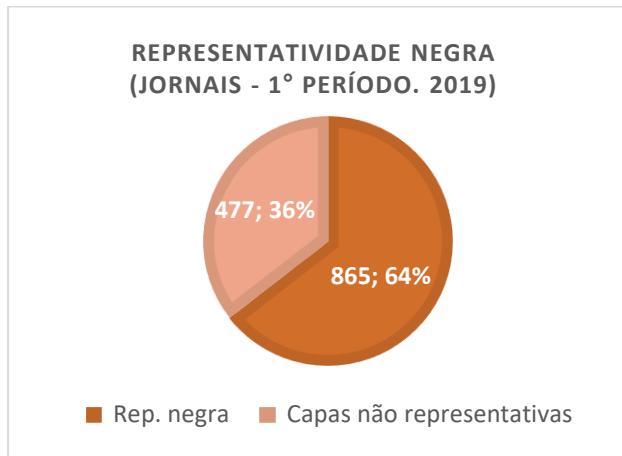
Tabela 4: representatividade negra em jornais impressos - 2º Período de 2019 (jul. – dez.).

Jornal	Julho		Agosto		Setembro		Outubro		Novembro		Dezembro		2019 (2º Período)	
	Repr.	total	Repr	total	Repr	total	Repr	total	Repr	total	Repr	total	Repr	Total
A tarde	25	30	27	31	26	29	26	31	25	30	26	28	155	179
Correio Braz	14	30	20	31	20	29	27	31	30	30	26	31	137	182
Estado SP	18	31	14	31	18	30	9	31	13	30	20	31	92	184
Estado de Minas	21	31	15	30	20	30	8	31	18	29	19	31	101	182
Extra	23	31	28	30	29	30	24	28	28	30	30	31	162	180
Folha SP	13	31	14	31	19	30	8	30	15	30	19	31	88	183
O Dia	19	31	23	31	25	29	26	31	28	30	27	30	148	182
O Globo	15	31	18	31	19	30	16	31	21	30	14	31	103	184
Super Notícia	18	25	11	20	12	21	16	29	17	28	15	28	89	151
Zero Hora	13	26	14	27	13	24	9	27	10	26	11	25	70	155
Total	179	297	184	293	201	282	169	300	205	293	207	297	1145	1762

Fonte: compilação do autor.

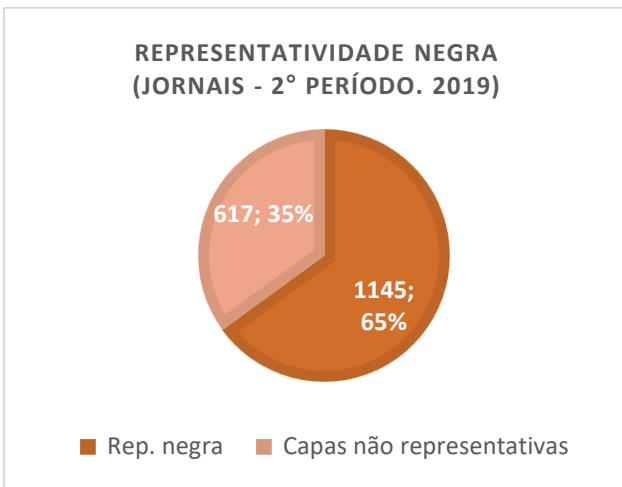
Evidentemente, com uma quantia inferior de capas analisadas, o 1º período apresentou 280 capas representativas a menos em comparação ao 2º período. Com isso, para que se tenha uma visão efetiva da representatividade negra presente em ambos os períodos, os dados devem ser apresentados conforme os seus percentuais.

Gráfico 1: Percentual de capas representativas (1º período de 2019).



Fonte: compilação do autor.

Gráfico 2: Percentual de capas representativas (2º período de 2019).



Fonte: compilação do autor.

Como pode ser observado nos gráficos 1 e 2, enquanto o primeiro período apresentou 64% de capas representativas, o segundo período, com um percentual de 65%, demonstra que, durante o ano de 2019, os jornais impressos apresentaram estabilidade em relação à representatividade negra incidente em suas capas. Apesar disso, é interessante observar que pertinente ao período analisado, os meses de novembro e dezembro apresentaram os maiores índices consecutivos de representatividade negra em primeiras páginas. Não por coincidência, tais índices podem ser explicados, pois, devido o dia da consciência negra (20 de novembro), diversos jornais dedicaram parte de suas capas para publicarem sobre assuntos caros à população afro – havendo, inclusive, casos como o do “Correio Braziliense” que, durante todo o mês de novembro, publicou capas com homenagens à comunidade negra. Visto isso, faz-se importante a análise do mesmo período no ano seguinte, para verificar se tal fenômeno é algo pontual ao ano de 2019 ou se também ocorreu em 2020.

Figura 10: capas representativas do jornal Correio Braziliense, novembro de 2019.



Fonte: compilação do autor.

Figura 11: capas do jornal Estado de São Paulo, o menos representativo, novembro de 2019.



Fonte: compilação do autor.

Em suma, a simples verificação dos dados obtidos em ambos os períodos nos leva a compreensão (possivelmente) equivocada de que há uma representatividade negra efetiva nos jornais impressos brasileiros – o que corrobora para a tese de que, no Brasil, vive-se uma “Democracia racial”, onde negros e brancos gozam dos mesmos direitos (Freyre, 2001). No entanto, como já foi abordado anteriormente, ainda que estes sejam os dados preliminares perante a representatividade afro, deve-se ter a noção de que, em muitos casos, os elementos representativos são postos de forma secundária com pequenas manchetes, imagens superficiais e até mesmo indivíduos desfocados. Com isso, mostra-se evidente a importância do design para a representatividade em veículos de comunicação impressos, pois, além da quantificação de dados, deve ser feita uma análise sintática-visual com todos os elementos representativos ao modo que estes sejam categorizados hierarquicamente - de acordo com

seu tamanho, cor, enquadramento, etc. – demonstrando, dessa forma, o quanto efetiva é a representatividade negra em tais veículos.

7 Representatividade negra em Jornais e Revistas (antes e depois da morte de George Floyd)

Além dos dados quantitativos referentes ao ano de 2019, foram analisadas também as primeiras páginas de jornais impressos, bem como as capas das principais revistas do país, circuladas no ano de 2020. Para tanto, tendo como referência o dia em que George Floyd foi assassinado (25 de maio de 2020), foram utilizados como recorte temporal dois diferentes períodos: para a análise dos jornais, de 25 de abril à 25 de junho (um mês anterior e um mês posterior); para as revistas, de 25 de março à 25 de julho (dois meses anteriores e dois meses posteriores). Em ambos os casos, tanto para jornais quanto para revistas, os dados foram computados seguindo os períodos “anterior” e “posterior” à morte de Floyd, conforme apresentado nas tabelas 5 e 6.

Tabela 5: Representatividade negra em jornais (período anterior ao assassinato de Floyd).

Jornais	Repr. Negra	Capas totais
A tarde	19	30
Correio Braziliense	15	31
Estado de SP	10	31
Estado de Minas	10	31
Extra	16	31
Folha SP	12	31
O Dia	20	31
O Globo	11	31
Super Notícia	9	21
Zero Hora	4	26
Total	126	294

Fonte: compilação do autor.

Tabela 6: Representatividade negra em jornais (período posterior ao assassinato de Floyd).

Jornais	Repr. Negra	Capas totais
A tarde	23	31
Correio Braziliense	20	31
Estado de SP	18	31
Estado de Minas	16	30
Extra	23	31
Folha SP	24	31

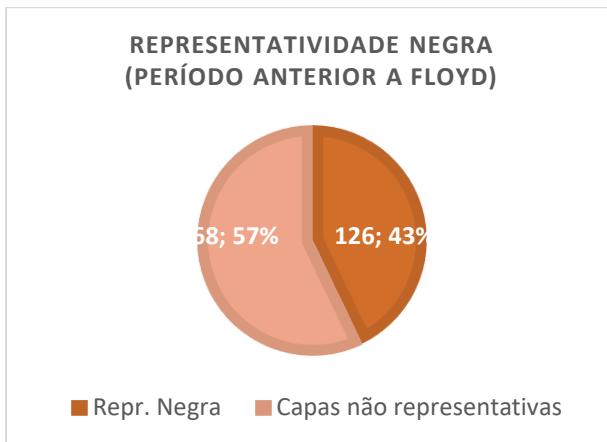
O Dia	27	31
O Globo	23	31
Super Notícia	14	24
Zero Hora	7	27
Total	195	298

Fonte: compilação do autor.

7.1 Representatividade negra: Jornais

Como pode ser observado na tabela 5 - período anterior ao assassinato de Floyd -, na grande maioria dos jornais, a proporção de representatividade negra total é menor quando considerada a quantidade de capas analisadas, inclusive, havendo casos – como o do Zero Hora – que, de 26 capas analisadas, apenas 4 (15%) apresentaram algum tipo de imagem ou texto representativo. No que tange os dados gerais (totalidade dos veículos), das 294 capas de jornais estudadas, 126 (42,8%) haviam, sem considerar hierarquia e sintaxe visual, algum tipo de representatividade negra. Com isso, partindo da perspectiva que a população brasileira é composta por 56,2 % de negros (PNAD, 2019), é possível notar que, nestes jornais e neste período, a população negra encontra-se sub-representada.

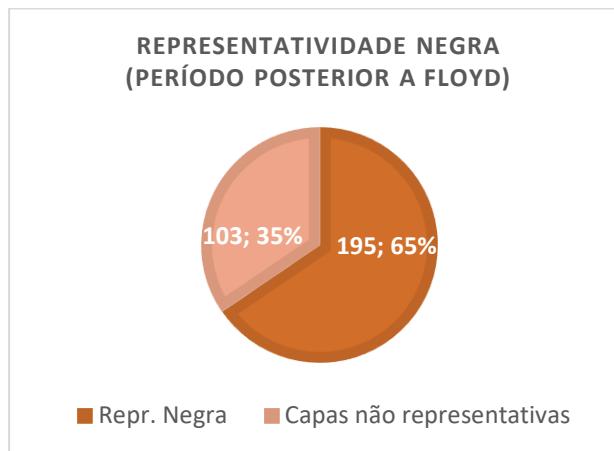
Gráfico 3: Total de capas de jornais (período anterior ao assassinato de Floyd).



Fonte: compilação do autor.

Já tabela 6 – período posterior -, foi constatado um aumento expressivo de representatividade negra quando comparado ao período anterior. De um total de 298 primeiras páginas, 195 foram representativas, o que indica um percentual de 65% do número total de capas.

Gráfico 4: Total de capas de jornais (período posterior ao assassinato de Floyd).



Fonte: compilação do autor.

Ademais, além dos índices de representatividade negra apresentados nos dois períodos, foram analisadas também – dentro da categoria de capas representativas – matérias sobre “Racismo” e “George Floyd”. Para a categoria “Racismo”, foram considerados não apenas imagens e notícias-texto que reportassem casos de violência e discriminação para com o povo negro, mas também artigos de opinião em que a temática “racismo” estivesse em voga. Dito isso, comparando a relação entre “racismo” e “Representatividade negra”, presente nas tabelas 7 e 8, abaixo, nota-se que no “período anterior”, de 126 capas que haviam representatividade negra, somente 8 se enquadram na categoria “Racismo” - apresentando assim um percentual de 6,34%. Já no “período posterior”, das 195 capas representativas para a população negra, 104 eram pertinentes ao “Racismo”, ou seja, cerca de 53,33%.

Tabela 7: Racismo e representatividade negra (período anterior ao assassinato de Floyd).

Jornais	Racismo	Repr. Negra	Capas totais
A tarde	0	19	30
Correio Braziliense	0	15	31
Estado de SP	0	10	31
Estado de Minas	0	10	31
Extra	3	16	31
Folha SP	3	12	31
O Dia	1	20	31
O Globo	1	11	31
Super Noticia	0	9	21
Zero Hora	0	4	26
Total	8	126	294

Fonte: compilação do autor.

Tabela 8: Racismo, representatividade negra e Floyd (período posterior ao assassinato de Floyd).

Jornais	Racismo	Floyd	Repr. Negra	Capas totais
A tarde	13	4	23	31

Correio Braziliense	12	9	20	31
Estado de SP	10	5	18	31
Estado de Minas	8	6	16	30
Extra	12	0	23	31
Folha SP	20	10	24	31
O Dia	7	3	27	31
O Globo	16	9	23	31
Super Notícia	2	0	14	24
Zero Hora	4	2	7	27
Total	104	48	195	298

Fonte: compilação do autor.

Sendo assim, ratifica-se que um dos possíveis motivos para o aumento de dados nas categorias “Representatividade negra” e “Racismo” se deve ao engajamento da imprensa brasileira na cobertura do assassinato de Floyd – que se enquadraria em ambas as categorias -, e, por conseguinte, nas manifestações Black Lives Matter, que reivindicavam pelo fim da violência policial e, sobretudo, o combate ao racismo. Ademais, segundo a tabela 8, das 104 capas pertinentes ao racismo, 48 (46%) faziam referência à George Floyd - isto equivale a 24,6% das capas representativas no segundo período. Visto isso, faz-se importante os questionamentos: (1) por que a mídia brasileira deu grande destaque para o assassinato de um homem negro americano sabendo que, no Brasil, a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado (IPEA 2020)? E (2) por que a temática do racismo foi amplamente abordada nos noticiários somente após a execução de um homem negro americano?

7.2 Comparativo: casos de racismos nacionais e estrangeiros

Os dados também apontam sobre possíveis disparidades no modo como a imprensa brasileira noticia casos de racismo e violência ocorridos em outros países – sobretudo Estados Unidos – em detrimento do Brasil. Na Tabela 9, é possível fazer uma comparação entre a quantidade de capas de jornais em que houve uma referência à morte de George Floyd e a quantidade de capas que noticiaram o assassinato de João Pedro, adolescente negro de 14 anos, morto a tiros após uma ação das forças armadas contra tráfico no Rio de Janeiro.

Tabela 9: Capas que foram noticiados os casos de Floyd e João Pedro.

Jornais	George Floyd	João Pedro
A tarde	4	0
Correio Braziliense	9	0
Estado de SP	5	0
Estado de Minas	6	2
Extra	0	10
Folha SP	10	3
O Dia	3	1
O Globo	9	1

Super Noticia	0	0
Zero Hora	2	0
Total	48	17

Fonte: compilação do autor.

É importante ressaltar que o caso de João Pedro ocorreu uma semana antes da morte de Floyd - 18 de maio de 2020 - e que, ainda assim, a morte de Floyd, com 48 capas, teve maior repercussão que a de Mattos, sendo este mencionado apenas em 17 primeiras páginas. Isto nos leva a percepção que a morte de jovens negros no Brasil, por mais brutal e cruel que tenham sido o caso, deve ficar em segundo plano, merecendo maior destaque casos ocorridos internacionalmente.

7.3 Representatividade negra: revistas

Além dos jornais, a representatividade negra presente em capas de revistas também foi influenciada pelo assassinato de George Floyd. Como pode ser verificado na Tabela 10, abaixo, no período que precede a morte de Floyd, de 91 capas analisadas, apenas 15 tinham algum tipo de representatividade negra, ou seja, 16,48%. Já no período posterior, das 101 capas disponíveis para análise, 27 (26,7%) eram representativas. Apesar disto, ainda que tenha ocorrido um aumento de aproximadamente 10% no segundo período, é notável que a população negra brasileira, esta que é majoritária na demografia nacional, ainda é muito pouco representada nas capas das revistas de maior circulação do país.

Tabela 10: representatividade negra em capas de revistas (antes e depois da morte de Floyd).

Revistas	Repr. negra/Capas totais (antes de Floyd)	Repr. Negra /Capas totais (depois de Floyd)	Repr. negra/Capas totais (antes + depois)
Ana Maria	1/5	2/9	3/14
Caras	0/9	2/9	2/18
Carta Capital	0/9	2/9	2/18
Claudia	0/3	1/2	1/5
Época	0/9	3/8	3/17
Exame	0/4	2/5	2/9
Glamour	0/2	0/1	0/3
Istoé	2/9	2/9	4/18
J.P.	0/1	1/1	1/2
Marie Claire	3/3	4/10	7/13
Minha Novela	3/8	2/8	5/16
Tititi	2/8	3/9	5/17
Veja	1/9	0/9	1/18
Veja SP	2/9	1/9	3/18
Vogue	1/3	2/3	3/6
Total	15/91	27/101	42/192

Fonte: compilação do autor.

8 Análise do projeto gráfico-editorial: sintaxe visual e hierarquia

Como dito anteriormente, a simples obtenção de dados quantitativos não se faz suficiente para que se tenha uma visão precisa pertinente à representatividade negra no mercado editorial. Em inúmeros casos, a forma como os elementos gráficos são apresentados – com imagens e fotografias distorcidas, por exemplo – corrobora-se, equivocadamente, para uma percepção de justiça e igualdade racial tanto em capas de revistas, quanto em primeiras páginas de jornais. Visto isso, faz-se necessária a realização de uma análise – apenas com elementos representativos – tendo como foco a verificação de aspectos relacionados aos princípios do projeto gráfico e editorial de meios impressos, segundo a obra de Jan V. White (2003), *Editing by Design*, além dos conceitos descritos por Yolanda Zappaterra (2014) em sua obra *Design editorial: jornais e revistas*.

Diante da compreensão do projeto gráfico de cada mídia - verificando proporção e disposição dos elementos -, será realizado um estudo detalhado da Sintaxe Visual das imagens representativas seguindo os preceitos da óptica da Sintaxe Visual e do Alfabetismo Visual (Dondis, 2007), os quais serão empregados em quatro aspectos primordiais para a análise: Imagem bruta; Eixos de equilíbrio; Divisão do espaço; e Ponto focal. Estes aspectos, como pode ser observado na imagem abaixo, servirão de base para a categorização dos elementos gráficos (imagens e/ou textos), podendo estes serem hierarquizados em representatividade: baixa; média; alta; ou muito alta.

Figura 12: análise sintática-visual da capa do jornal Super Notícia, 14 de fevereiro de 2019.



Fonte: compilação do autor.

8.1 Análise do projeto gráfico-editorial: imagem bruta

No primeiro aspecto a ser analisado, objetiva-se observar não apenas a proporção da imagem (ou notícia-texto) em relação ao tamanho total da capa, mas também a forma como tal imagem é apresentada, verificando se há um recorte ou se a mesma foi utilizada em sua totalidade. Em suma, as capas serão subdivididas em 64 quadrantes – respeitando as proporções de cada veículo - e, a partir destes, serão verificadas a proporção da área reservada para os elementos representativos de acordo com a quantidade de quadrantes que estes ocupam. Quanto maior a quantidade de quadrantes presente numa imagem, por exemplo, maior é grau de representatividade desta. Na figura abaixo, observa-se a aplicação do grid com as subdivisões na capa do jornal *O Globo*, publicada em 22 de setembro de 2019. Além disso, destaca-se também dois exemplos de representatividade incidente na mesma capa – o primeiro o recorte de uma fotografia acompanhada de texto e a segunda apenas uma fotografia – cujo ambos ocupam a mesma quantidade de quadrantes (4), aproximadamente 6,25% da área total da capa.

Figura 13: análise sintática-visual – imagem bruta. Jornal *O Globo*, 22 de setembro de 2019.



Fonte: compilação do autor.

8.2 Análise do projeto gráfico-editorial: eixos de equilíbrio

Num segundo momento, observando apenas fotografias sem recortes, serão verificados os eixos horizontais e verticais presentes nestas. Com isto, pretende-se verificar se a figura representativa da imagem se encontra alinhada (em equilíbrio) com os demais elementos da fotografia, ou se há “tensão” na imagem, com os eixos posicionados na diagonal, por exemplo. Tal artifício é importante para a análise de sintaxe visual, pois, por meio deste, verifica-se a representatividade presente numa foto se encontra posicionada num local de fácil identificação para o leitor ou, se por causa do posicionamento dos eixos, passa despercebida – o que possivelmente a qualificaria como uma imagem de baixa representatividade. Na figura 14, fica evidente tal fenômeno, uma vez que os elementos representativos da imagem se encontram no canto inferior direito, fora dos eixos diagonais e, por conseguinte, fora do campo de visão.

Figura 14: análise de eixos de equilíbrio. Jornal *Estado de Minas*, 22 de abril de 2019.



Fonte: compilação do autor.

8.3 Análise do projeto gráfico-editorial: divisão espacial

Para a divisão espacial, assim como na identificação dos eixos de equilíbrio, são traçadas em cada imagem – seguindo a disposição dos elementos - linhas imaginárias. Tais linhas, além de auxiliar na hierarquização das imagens, segmentando-as em espaços “iguais”, “proporcionais” ou “muito desiguais”, possibilitam a observação de qual campo espacial o elemento representativo está inserido e se tal campo privilegia ou não o elemento. Na figura 15, a seguir, é possível observar que não apenas o foco da imagem se encontra centralizado (em dois jogadores de futebol brancos), mas também, ao modo que o espaço é divido, nota-se que a figura representativa (jogador negro posicionado à esquerda) além de “cortado” e “desfocado”, encontra-se numa área desprivilegiada da imagem, o que dificulta a sua visualização e a percepção do seu caráter fenotípico. A imagem é classificada como tendo espaços proporcionais, mas com representatividade de baixa para média – a depender da proporção da imagem em relação ao tamanho da capa.

Figura 15: análise da divisão espacial. Jornal O Globo, 22 de outubro de 2019.



Fonte: compilação do autor.

8.4 Análise do projeto gráfico-editorial: ponto focal

Por fim, como um dos principais aspectos a ser analisado, tem-se o ponto focal da imagem. Neste processo, busca-se verificar se há na composição fotográfica focos diversos ou foco único. Em caso de foco unitário, este deverá ser classificado em foco: “centralizado”; “esquerdo superior”; “direito superior”; “esquerdo inferior” ou; “direito inferior”. A imagem a seguir trás dois exemplos de fotografias com focos distintos e como tal conceito pode influenciar na classificação da representatividade. Na primeira fotografia, é possível observar a presença de foco único, posicionado no elemento do canto superior esquerdo da imagem. Visto isso, faz-se importante a percepção de que, ainda que a imagem tenha três pessoas negras num plano anterior ao foco – ambas inseridas no eixo diagonal -, o posicionamento dos elementos, bem como a forma como estes são apresentados – de costas – prejudica a representatividade presente na imagem. Já no que diz respeito à segunda fotografia, a qual há a presença de focos múltiplos, evidencia-se o quanto difícil fica para a identificação de representatividade em casos em que não há um foco definido – ainda que estes tenham elementos representativos.

Figura 16: análise focal. Jornal Zero Hora, 1 de maio e 9 de julho de 2019.



Fonte: compilação do autor.

Ademais, ressalta-se que todas as imagens utilizadas como exemplo no presente artigo foram retiradas dos veículos impressos sem que fossem feitas quaisquer alterações (cor, saturação, contraste...) que não as já realizadas pelos próprios veículos. Dito isto, faz-se mister a percepção de que, alterações de luminosidade, por exemplo, como a realizada na segunda fotografia acima (figura 16), corrobora para o clareamento de pessoas negras e, por consequência, para a não representação das mesmas.

9 Considerações finais

Após concluída a análise dos projetos gráficos e da sintaxe visual, as imagens verificadas serão organizadas em diferentes graus de classificação de acordo com seus aspectos apresentados. Com isso, será possível observar não somente o modo como os jornais e revistas impressos apresentam a representatividade negra em seus veículos, mas também se tal representatividade é, de fato, efetiva ou apenas introduzida superficialmente. Com isso, durante a investigação pontual no espaço amostral definido pela representatividade negra nas capas de jornais e revistas e tendo em vista que os dados aqui presentes expõem a representatividade negra na sua forma mais crua, faz-se importante o entendimento do design como peça chave na construção de uma mídia informativa – independentemente de ser impressa ou digital – inclusiva e representativa para com a população afro-brasileira.

Como bem se sabe, para que um jornal ou uma revista chegue até nos, estes passam por diversos setores e, por assim dizer, por diversas pessoas responsáveis não apenas pela informação que consumimos, mas pela forma que essa informação nos é apresentada. Antes de comprarmos uma revista, ou termos acesso à uma notícia a qual temos, em tese, uma certa “liberdade de escolha”, devemos ter em mente que as nossas “escolhas” foram determinadas anteriormente pelas “escolhas” de terceiros. Sendo assim, se as informações que consumimos são embasadas não apenas nas nossas, mas também nas decisões de outros indivíduos, faz-se mister o questionamento: a qual grupo étnico-racial tais indivíduos pertencem? Infelizmente, não se tem dados concretos que elucidem o caráter racial do mercado editorial brasileiro. Contudo, uma vez que o mercado editorial e os meios de comunicação são, historicamente, controlados por pessoas brancas, é ingênuo pensar que a população negra esteja representada tanto na frente, quanto atrás das capas de jornais e revistas.

Como já foi ratificado anteriormente, os dados aqui apresentados expõem a representatividade negra sem o olhar analítico do design, ou seja, de uma forma preliminar. Apesar disso, ainda assim é possível notar que mais que preocupados com a inclusão afro em suas capas, o mercado editorial tem como prioridade as vendas. Fato este elucidado diante dos dados comparativos entre o “antes” e o “depois” do assassinato de George Floyd, onde a preocupação da maioria dos noticiosos não foi com o cerceamento de uma vida preta, mas, sim, na repercussão – e possível retorno financeiro – propiciado pelo caso.

Por fim, espera-se com esta pesquisa trazer à tona a discussão urgente do potencial transformador do design no processo de justiça racial e representatividade negra no Brasil. Espera-se ainda que o trabalho sirva de exemplo para os profissionais do campo editorial, jornalistas, designers, fotógrafos e etc., repensem e reflitam sobre a dimensão social de cada um e como seus trabalhos podem contribuir para a construção de um pensamento antirracista e igualitário.

10 Bibliografia

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- AMBROSE, Gavin & HARRIS, Paul. **Imagen.** Porto Alegre: Bookman, 2009. DONDIS. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BESTLEY, Russel & NOBLE, Ian. **Pesquisa Visual.** Porto Alegre: Bookman, 2013.
- DUCHIADE, André. **Por que o 'blackface' é uma forma de racismo.** 2019. – São Paulo: Portal Gelédes, 2019. Acesso em: 2022-25-02. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-o-blackface-e-uma-forma-de-racismo/>
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA) **Atlas da violência 2020.** Rio de Janeiro: Ipea; 2020.
- MALHORTA, Naresh. **Pesquisa de Marketing.** 4º Ed. Editora Bookman, 2011.
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 2019 (Pnad Contínua). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- REDAÇÃO – O ESTADO DE SÃO PAULO. **Regina Casé diz ter sofrido preconceito em loja nos Estados Unidos.** São Paulo: O Estado de São Paulo, 2019. Acesso em: 2022-25-02. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/gente,regina-case-diz-ter-sofrido-preconceito-em-loja-nos-estados-unidos,70002805782>
- WHITE, Jan V. **Editing by Design: for Designers, Art Directors, and Editors: the classic guide to winning readers.** New York: Allworth Press, 2003.
- ZAPPATERRA, Yolanda. **Design editorial: jornais e revistas.** 1º Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.